

HISTÓRIA, SENTIDOS E SENSIBILIDADES UMA ENTREVISTA COM JEAN-JACQUES COURTINE

Jean-Jacques Courtine¹Carlos Piovezani²

Comentário do Editor

A experiência das sensibilidades, o atravessamento do corpo pelas emoções e os afetos nas vozes dos sujeitos foram durante muito tempo pontos cegos dos estudos do discurso. Trata-se aí de fenômeno que incide não só na produção dos sentidos dos enunciados, mas também na própria constituição discursiva de nossas percepções e de nossos sentimentos. Por essa razão, cremos que esta edição da Revista Saridh representa uma importante contribuição para as ciências da linguagem, na medida em que os textos aqui reunidos abordam privilegiadamente as relações entre o discurso e a partilha material das sensibilidades, focalizando as presenças e atuações da dimensão afetiva na produção discursiva em diversas esferas sociais, campos institucionais, domínios do conhecimento e gêneros do discurso de nossa sociedade.

*Nesta edição, (volume 7, número 1 – 2025), a Revista Saridh apresenta uma entrevista com Jean-Jacques Courtine, professor emérito da University of California e da Université de la Sorbonne Nouvelle, catedrático de European Studies da University of Auckland e professor visitante Queen Mary University de Londres. Os trabalhos de nosso entrevistado consagram-se à história do corpo, do rosto, da virilidade da fala pública e, no texto que ora apresentamos, à reflexão acerca da história, dos sentidos e das sensibilidades. Jean-Jacques Courtine é autor de obras cujo mérito foi reconhecido nos estudos do discurso, da história e de várias ciências humanas e sociais. No conjunto de sua produção intelectual, destacam-se, entre outros, os seguintes títulos: *Análise do Discurso Político* (EdUFSCar 2009), *História do Rosto* (Vozes 2016), *Metamorfoses do discurso político* (Claraluz 2006), *Decifrar o corpo: pensar com Foucault* (Vozes 2013), *História do corpo* (Vozes 2008), *História da virilidade* (Vozes 2013) e *História das emoções* (Vozes 2020).*

A participação de Courtine é aqui uma oportunidade ímpar para uma pertinente e produtiva discussão sobre os discursos, sensações e sentimentos. De modo ao mesmo tempo claro, panorâmico

¹ Professor emérito da Universidade Sorbonne Nouvelle e da Universidade da Califórnia (Santa Barbara). Foi professor visitante de História das emoções na Queen Mary Universidade de Londres e catedrático de Estudos europeus da Universidade de Auckland. Doutor em Linguística pela Universidade de Paris X / Nanterre. E-mail: jj.courtine@wanadoo.fr Google Scholar Citations: <https://scholar.google.com/citations?user=J8MonSsAAAAJ&hl=en>

² Professor associado da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. E-mail: cpiovezani@ufscar.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/1677609008094603>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3612-983x>.

e profundo, tanto em suas publicações e intervenções, em geral, quanto nas respostas dadas às questões desta entrevista, o professor Courtine indica uma série de relações entre história, sociedade, percepções e afetos na constituição de nossas subjetividades pelo discurso.

Em conjunto com todo o reconhecimento que já lhe foi prestado, reconhecemos nós uma vez mais nestas suas respostas a junção entre reflexão histórica e social ampla e argúcia de análise. Essa marca de sua produção intelectual consiste em uma valiosa contribuição para o incremento de nossa compreensão sobre nossa própria condição de sujeitos sociais da contemporaneidade, que praticamente a todo tempo somos confrontados e enredados em fortes demandas emocionais, sob a forma de medos, depressões, ansiedade e emoções afins, diante das agonias impostas pelo neoliberalismo, acrescidas recentemente por sua articulação com a ascensão da extrema-direita em várias partes do mundo.

A entrevista é conduzida pelo professor Carlos Piovezani, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Piovezani é professor associado do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar e pesquisador do CNPq, na condição de bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. É Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Araraquara. Durante seu doutorado fez estágio na Université de la Sorbonne Nouvelle. Na interface entre Análise do discurso e História das ideias linguísticas, seus importantes trabalhos tratam da história da fala pública, do discurso político e de discursos da mídia.

Muitas das reflexões e obras de Carlos Piovezani tornaram-se referências para pesquisadoras e pesquisadores nos campos da Análise do discurso e da História da fala pública, em razão da originalidade na concepção e no tratamento discursivo de objetos e fenômenos pouco ou nada estudados na AD e em outras ciências da linguagem. Dentre suas obras consagradas a temas bastante singulares, podem ser destacadas as seguintes: A voz do povo: uma longa história de discriminações (Vozes 2020), A linguagem fascista (Hedra 2020), Verbo, corpo e voz (Editora UNESP 2009), Saussure, o texto e o discurso (Parábola 2016), História da fala pública (Vozes 2015), Presenças de Foucault na análise do discurso (EdUFSCar 2014) e Legados de Michel Pêcheux (Contexto 2011). O professor Carlos Piovezani foi professor convidado da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS/Paris) e professor visitante na Universidade de Buenos Aires (UBA).

Por várias razões, mas também pelo fato de se tratar de circunstância privilegiada que dá continuidade a uma já antiga interlocução entre os professores Jean-Jacques Courtine e Carlos Piovezani, que se iniciou há duas décadas, é com grande satisfação e com profunda alegria que acolhemos e publicamos esta entrevista.

1. (Carlos Piovezani): Tal como já tinha ocorrido com História do corpo (Vozes, 2008) e com História da virilidade (Vozes, 2013), você lançou mais ou menos recentemente em conjunto com Alain Corbin e Georges Vigarello, outra obra monumental: História das emoções (Vozes, 2020). Nós sabemos que as emoções acompanham a espécie humana desde seu surgimento e muitas vezes pensamos que elas se resumem a algo da natureza e que, por isso, não passariam por modificações no tempo histórico e por variações no espaço social. Numa palavra, elas não seriam propriamente um objeto da História. Contudo, a Historiografia, em particular a História das mentalidades, a História cultural e a História das sensibilidades, não só já demonstrou há algumas décadas que há uma história das emoções, mas também já produziu algumas obras clássicas nesse domínio. Você poderia nos dar alguns elementos para que possamos melhor compreender essa possibilidade de fazer das emoções um objeto historiográfico?

Jean-Jacques Courtine: Em 1872, Charles Darwin publica a obra “A expressão das emoções no homem e nos animais”, na qual afirma que as emoções são universais e estão inscritas no patrimônio da espécie. A nossa intuição como indivíduo, e essas observações científicas como a de Darwin, parecem nos dizer que há nas emoções algo essencialmente humano, mas também atemporal. No entanto, não é esse o caso.

A Antropologia, especialmente em função das grandes viagens, da descoberta de outras etnias e de outras populações, nos mostrou que as emoções variam de uma cultura para outra. A antropóloga Ruth Benedict [1887-1948] demonstrou quão diferente era o contexto emocional da sociedade norte-americana e o da sociedade japonesa. No Japão, é a vergonha que se sobrepõe: não se pode perder a honra. Na América do Norte, é a culpa, que, por sua vez, está ligada como uma das marcas da cultura cristã.

Quando o capitão Cook, na ocasião de sua segunda volta ao mundo em 1773, deixa a ilha Huahine, no Taiti, o chefe local, sua mulher e sua filha choram muito. Cook diz que nunca viu pessoas chorarem tanto e de tal modo, e que ele era totalmente incapaz de julgar se esse

choro era fingido ou sincero. Há aí, sem dúvida, uma emoção comum (uma tristeza e as lágrimas que a expressam), mas há também, por parte de Cook, uma grande incerteza quanto ao sentimento interior que a acompanha. As lágrimas dos taitianos seriam as mesmas que as nossas?

A História, por sua vez, mostra que as emoções e suas expressões variam de um período a outro. A tristeza, por exemplo, sempre existiu. No entanto, poderíamos afirmar que a melancolia antiga, a tristeza do século XVII, a neurastenia do final do século XIX ou a depressão contemporânea são da mesma natureza? Nosso trabalho consiste em expor a genealogia das emoções, descrever como elas mudam, variam e como podemos relacioná-las com as formas mais antigas. Em nossos estudos históricos e discursivos sobre as emoções, é preciso que examinemos também os ‘climas’ emocionais em que vivemos.

2. Carlos Piovezani: *Constatada a condição histórica e social das emoções e reconhecidas a pertinência e a produtividade de produções historiográficas dedicadas às sensibilidades e aos sentimentos, podem ainda nos restar dúvidas sobre os modos e métodos a serem empregados para elaborá-las. Ou seja, como se pode fazer uma história das emoções? Além disso, quais seriam algumas das principais especificidades das experiências modernas das emoções?*

Jean-Jacques Courtine: As emoções estão presentes e atuantes em todas as circunstâncias da vida em sociedade. Por essa razão, repertoriá-las e examiná-las historicamente, exige a abordagem de tudo o que possa permitir a observação das sensações e dos sentimentos dos sujeitos sociais e de tudo o que consista em diversas *mises en scène* das emoções, tais como correspondências privadas, literatura, artes plásticas, cinema, teatro e, em nossos dias, as redes sociais.

Nossas sensações e sentimentos são, ao mesmo tempo, constantes e voláteis. Assim, a captura das emoções nem sempre é fácil, uma vez que, de modo análogo ao que ocorre com as palavras ditas em modalidade oral, as expressões afetivas desaparecem e/ou se modificam rapidamente, seja em nossos rostos, seja em nossos corpos, seja ainda em nossas vozes.

Nesse sentido, as emoções são fluidas e, às vezes, se mostram muito brevemente, mas é possível apreendê-las. Por exemplo, a fotografia captura seus instantes. O momento em que começamos a estudar cientificamente as emoções corresponde, aliás, à invenção da fotografia. As fotografias de Duchenne de Boulogne [1806- 1875], pioneiro da neurologia, são famosas. Com eletrodos colocados na face, ele fazia um paciente sorrir e chorar e fixava isso na lente da câmera. Essa ideia de poder fixar as emoções é antiga. Charles Le Brun, primeiro pintor de Luiz XIV, deixou uma conferência sobre as “expressões das paixões da alma”. São imagens instantâneas em que todas as figuras de expressão estão presentes.

Nos anos 1930, os ingleses criaram um projeto particularmente valioso para o estudo das emoções. Trata-se do *Mass Observation Archive*. Um antropólogo, um cineasta e um poeta o lançaram dizendo “nós queremos fazer a antropologia de nós mesmos”, e para isso pediram aos britânicos que anotassem tudo o que se passava em suas cabeças e em seus corações dia após dia... Segundo o projeto, cada pessoa, em seu canto, registraria em cadernos seu dia-a-dia, o preço do pão, o medo da invasão alemã, as crianças na escola e o problema que poderiam ter com o filho mais velho ou mais novo. Eles também encaminhavam, de vez em quando, a cada uma dessas pessoas, questionários para serem respondidos. Este projeto, iniciado em 1937, durou até a década de 1950, o que constitui uma quantidade enorme de dados. Sua análise foi retomada nos anos 1980. Os estudiosos ingleses chamam essa abordagem de “história vista de baixo”. Entre outras coisas, esses dados são preciosos para objetos de estudo como a ansiedade, essa emoção fluida, em relação à qual não sabemos exatamente qual é o objeto que a desencadeia, diferentemente do medo, já que, quando ele nos acomete, sabemos o que tememos.

Dito isso, poderíamos acrescentar que há possivelmente três grandes tendências que permitem perceber a maneira como as emoções foram polarizadas nos tempos modernos. Em primeiro lugar, há o trauma. Vivemos um século de catástrofes humanas sem precedentes, com as guerras e os genocídios. No formidável filme *Au revoir là haut*, que trata da Primeira Grande Guerra Mundial e que se baseia nas típicas emoções do pós-guerra,

deparamos um enorme e emocionante desfile de corpos feridos e tornados inválidos e ainda de rostos desfigurados.

A segunda tendência que se destaca é a dos usos e dos controles das emoções. Na virada do século XX, com “Psicologia das massas” de Gustave Le Bon e com as teorias da propaganda, a questão do controle das emoções e da produção de emoções coletivas tornou-se essencial. A emoção é concebida como uma força política, que pode ser manipulada. As emoções são recursos empregados pelos políticos totalitários.

Também o comércio e o mundo dos negócios se tornaram um campo privilegiado das emoções. Há as emoções irracionais do mercado, como a quebra da bolsa de valores, o que faz com que de repente, levadas pelo pânico, as pessoas comecem a vender e a comprar, como foi feito em Wall Street, em 1929. No ambiente da empresa, regido pelas enormes restrições de horário, pela autoridade, pela lógica da produtividade, percebeu-se que se conseguisse criar um clima tal como uma espécie de *Club Med*³, tudo funcionaria melhor. Eis aí a emergência de uma espécie de felicidade nas empresas e escritórios. Essa forma mais recente de controle não está mais do lado das coerções impostas, mas das concessões felizes e entusiasmadas. Em conjunto com essa importante transformação, há ainda o uso comercial das emoções, com seu emprego sistemático nas publicidades e no marketing.

A terceira tendência dominante é a autonomização e a individualização. Com o aprofundamento da esfera individual, há uma tomada de consciência muito grande em relação à diferenciação das emoções, de sua variedade, de seu caráter pessoal e, ao mesmo tempo, de seu caráter fortemente inconsciente. Aliás, na virada do século XIX para o XX, ocorre, obviamente, a emergência da psicanálise. A psicanálise vai aflorar, na Europa e na América, e vai dar à esfera emocional uma profundidade e uma obscuridade que ela não tinha. Assim, a concepção vigente é a de que uma parte das emoções escapa completamente do sujeito, permanece obscura, e, por isso, é preciso tentar penetrar nelas de modo a poder entender o que chega à superfície. Esse é um dos princípios de base da escuta psicanalítica.

³ Rede francesa de hotéis de turismo cujo lema é “A felicidade de viver em comunidade é, desde sempre, a grande aventura do Club Med”.

3. Carlos Piovezani: Logo na apresentação do terceiro volume de *História das emoções*, dedicado ao período contemporâneo, volume pelo qual você esteve responsável, há afirmação de sua parte de que a contemporaneidade é o tempo do “Império das emoções”. O que há de singular na era contemporânea, que a distingue do passado?

Jean-Jacques Courtine: Em 1884, o fundador da psicologia americana, William James, questiona: “O que é uma emoção?”. Tal como Charles Darwin, em sua obra intitulada “*A expressão das emoções no homem e nos animais*”, ele responde a essa questão inscrevendo a emoção no substrato biológico do indivíduo, nas modificações do corpo. Isso inaugura a ciência das emoções.

Há várias preocupações que surgem simultaneamente e que estão relacionadas à constituição da sociedade de massa. Pela primeira vez, estamos lidando com a formação das grandes massas urbanas, com a urbanização desenfreada. É uma nova sociedade onde há as multidões, os desconhecidos, o isolamento, o anonimato.

Na Paris do Antigo Regime, por exemplo, ainda havia bairros onde as pessoas se conheciam, e onde havia uma certa familiaridade. Depois da reforma urbana de Paris, na segunda metade do século XIX, conhecida como *Haussmannisation*⁴, a Paris tradicional é setorizada com vistas à modernização da cidade. Com isso, são varridos do mapa os bairros populares, as pessoas são deslocadas, os subúrbios são formados, e há os reagrupamentos massivos, que apresentam um número e uma densidade populacional nova.

Isso leva a novas preocupações, expressas por Gustave Le Bon na obra “*Psicologia das massas*”: o medo dos líderes políticos, especialmente de esquerda (uma vez que Le Bon era um reacionário de primeira), da ascensão do socialismo, da concentração das massas trabalhadoras nas cidades.

⁴ Termo derivado do nome de Georges-Eugène Haussmann, Barão Haussmann que, como prefeito do antigo departamento do rio Sena, entre 1853 e 1870, foi o responsável pela demolição de uma considerável parte antiga de Paris, supostamente em nome de um ideal de modernização e de um aperfeiçoamento estético da capital francesa.

Na América, há os estranhos movimentos de contágio que acometem a multidão e que a tornam instável, perigosa e sensível à propaganda. O mesmo ocorre no campo econômico e financeiro, com os primeiros pânico da Bolsa de Nova Iorque, no final do século XIX e começo do XX. São os primeiros movimentos de irracionalidade. Trezentos romances são escritos sobre essas questões, entre 1870 e 1920.

Durante o mesmo período, a psicanálise e o império das emoções se expandem. Na ciência, primeiramente e, em seguida, na própria vida social, desenvolve-se esse campo no qual os sentimentos nunca haviam sido considerados antes: o do inconsciente. É sobre esse tripé que o século XX se abre ao universo das emoções.

4. Carlos Piovezani: Desde que entramos nesse “Império das emoções”, nós nos tornamos mais sensíveis?

Jean-Jacques Courtine: Sim, é provável que sim. Em nossos tempos, tudo parece indicar que nos tornamos mais sensíveis às nossas sensações e aos nossos sentimentos. Não sem razão, Richard Sennet vai afirmar que desde a segunda metade do século XIX até nossos dias, se estabeleceu uma “tirania da intimidade”, no interior da qual as emoções que sentimentos e a importância social que elas adquirem para todos nós, ainda que, evidentemente, os afetos não sejam os mesmos nem sejam sentidos nas mesmas intensidades e extensões em diferentes classes, grupos e sujeitos de uma sociedade, estão cada mais presentes e atuantes em nossas vidas.

Além disso, ainda mais recentemente, no movimento quase global de ascensão das extremas-direitas, que fazem um inescrupuloso e exímio emprego das redes e plataformas digitais, as paixões intensas, que já eram autorizadas a se manifestar na esfera pública, se tornaram praticamente onipresentes. Pensemos no quanto o ódio voltou a ser uma paixão política constante e, mais do que isso, legítima e mesmo ostentada, tal como em contextos de guerra e de emergência e consolidação do fascismo. Finalmente, um último aspecto que me ocorre desse incremento de nossas sensibilidades tem a ver com algo que sempre foi muito importante para a Análise do discurso, mesmo que ela não estivesse propriamente atenta à

dimensão afetiva. Nos relatos que fazemos, há afetos e sensibilidades ao longo de toda a narrativa, mas nós aprendemos com Freud que o há de mais interessante é o lapso, a falha enunciativa, uma vez que é no interior das marcas e das coisas ínfimas que o inconsciente se materializa. Mais ou menos nessa direção, poderíamos também pensar que, ao lado de nossa grande sensibilidade aos choques emocionais, de experiências de traumas profundos, existem, digamos, células psicológicas que evoluem logo que algo acontece. Há esse sentimento frágil e ansioso de que é preciso um suporte imediato para superação de abalos emocionais e de que as emoções não só devem ser levadas em consideração, mas também de que há sempre em suas experiências algo a ser curado.

5. Carlos Piovezani: Desde quando começamos a tratar das relações entre o discurso e as emoções, lhes dedicando por ora duas edições do Colóquio Internacional de Análise do discurso (CIAD), alguns livros, A voz do povo: uma longa história de discriminações (Vozes 2020), A linguagem fascista (Hedra 2020) O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos (Parábola 2024), além daquele que fizemos, você e eu, em coautoria e que se encontra no prelo, e de vários capítulos e artigo, com frequência me perguntam sobre as diferenças entre “emoção”, “afeto”, “sentimento” e “paixão”. Nessas circunstâncias, digo que, embora seja pertinente e produtivo definir esses termos e/ou estabelecer diferenças entre eles, isso não faz parte da abordagem histórica e “fenomenológica” que adoto nos trabalhos que dedico à história da fala pública. Além disso, indico autores e obras que já o fizeram com muita propriedade. Já em História do rosto (Vozes 2016), que você publicou na França com Claudine Haroche, 1988, figura no subtítulo a palavra “emoção”. Ela se impôs, digamos, “naturalmente”, em detrimento desses outros termos? A partir de quando falamos em “emoção”?

Jean-Jacques Courtine: Entre os gregos, como sabemos, a palavra empregada para tratar dessa dimensão passional é *páthos*. Ao que tudo indica, a esfera do *páthos* abrange amplamente o campo da vida afetiva, compreendendo emoções, sentimentos, afetos... Enquanto na retórica grega, se fala de *páthos*, ao qual, aliás, Aristóteles dedica uma extensa parte do segundo livro de sua *Retórica*, reconhecendo sua força para modificar os

juízos do auditório, entre os retóricos latinos a palavra empregada é *mouere*, para designar a capacidade persuasiva que tem a mobilização dos afetos no público ouvinte. É possível que muitos de nós nos lembremos da presença de *mouere* na fórmula *Docere, delectare, mouere*, concebida por Cícero para sintetizar um ideal retórico, segundo o qual o orador para suplantar seus adversários deve instruir ou informar seu auditório, mas também deve lhe transmitir uma boa impressão de si mesmo pelo que diz e pela forma como o faz e, ainda e principalmente, dispô-lo em certa inclinação emocional favorável à sua causa.

Na Idade Média, surgiu e parece ter predominado o uso do termo “movimento” para indicar a ideia de que se trataria de oscilações que viriam do coração, agitações ou movimentos da alma, que dariam impulso a nossas ações e promoveriam nossos estados de espírito e suas alterações. Já na Era Moderna, Descartes optou por “paixão”, em seu *As paixões da alma*, publicado em meados do século XVII. Charles Le Brun, seu contemporâneo e conterrâneo, pintor da corte de Luís XIV, também adotou esse mesmo termo em seu tratado de pintura *As expressões das paixões da alma*. Apesar dessa preferência de Descartes e Le Brun por “paixão” no século XVII, é ainda no século anterior que a palavra “emoção” passou a ter essa forma que empregamos hoje. “Emoção” deriva do verbo “emocionar”, que, por sua vez, já está atestado em francês no século XI com a forma *esmoveir* e no XIII com a forma *esmouvoir*. Essa forma vem do latim popular *exmoveire*, é composto de “ex-” e “movere” e significa colocar em movimento. Depois de um período, durante o qual esses movimentos das emoções eram tanto relativos ao corpo quanto à alma, em nossos dias eles dizem respeito apenas a sentimentos agradáveis ou desagradáveis, ou seja, a algo exclusivo do plano afetivo.

Dito isso, acrescento que é perfeitamente plausível sua abordagem histórica e “fenomenológica” das emoções, sobretudo porque seus trabalhos tratam de discursos sobre os afetos, em particular sobre as emoções materializadas em discursos do campo da fala pública. Em contrapartida, conhecer e indicar obras e autores que se dedicaram a traçar distinções entre “paixão”, “emoção”, “afeto” e “sentimento” é fundamental, porque eles podem nos oferecer preciosas indicações sobre diferenças de funcionamento, de dinâmica, de força, frequência e extensão desses elementos da sensibilidade. Nesse sentido, podemos

reconhecer uma boa dose de acerto no postulado da semântica de que não há sinonímia perfeita. Tanto em francês quanto em português, nós temos essas quatro palavras, e, me parece, que tanto na França quanto no Brasil, o emprego das três primeiras se tornou mais frequente do que o uso de “sentimento”.

Considerando tudo isso, é mesmo improvável que a escolha do subtítulo “expressar e calar as emoções” tenha sido algo natural. O período que recobrimos, Claudine Haroche e eu, vai do século XVI, quando o termo adquire a forma moderna e contemporânea, como vimos, ao século XIX, quando os empregos da palavra “emoção” já estão consolidados. A última obra de Charles Darwin, publicada em 1872, tem como título *A expressão das emoções no homem*. O ponto fundamental de História do rosto é o de mostrar como nossa entrada na Era moderna passou a tornar necessárias a expressão e a contenção de si para a constituição da subjetividade de uma forma singular e provavelmente inédita.

Em trabalhos posteriores, constatei que nos séculos XVIII e XIX a esfera sensível se incrementa e complexifica: as emoções se tornam mais presentes no espaço público, nossas sensações e sentimentos se tornam cada vez objeto de atenção e passam a ser cada vez mais apurados. Como ponto de chegada desse percurso, a medicina se apodera das emoções. Há um aprofundamento psicológico no ser humano moderno e contemporâneo e esse aprofundamento se torna uma questão médica.

6. Carlos Piovezani: *Parece mesmo haver uma menor frequência no emprego do termo “sentimento”, comparado ao de “paixão”, “emoção” e “afeto”. É provável que haja também fatores glotopolíticos no uso frequente de “emoção”, porque tenho a impressão de no mundo anglo-saxão a palavra emotion é mais frequente que as demais. Além disso, “sentimento” parece ter passado a soar um pouco antigo e talvez até mesmo quase brega. Por essa razão e pela própria configuração silábica e prosódica desses termos, a palavra “sentimento” é aparentemente menos impactante e pregnante do que as outras três. Essa reflexão glotopolítica é interessante, mas eu gostaria de retomar um aspecto de sua última resposta. Você acredita que as emoções passaram a ocupar um espaço mais amplo e mais*

profundo em nossas vidas nos séculos XX e XXI, porque elas se tornaram objeto da ciência?

Jean-Jacques Courtine: Em boa medida, sim, porque as ciências ocuparão um lugar cada vez mais central na vida intelectual e coletiva no século XX. Mas também por razões que já mencionamos: a sociedade de massas; o fato de as emoções terem se tornado objeto “mercadoria”, passível de exploração econômica, fenômeno que cresceu exponencialmente com redes e plataformas digitais, que ganham bilhões com seus enormes monopólios de economia da atenção e dos sentimentos; e as experiências e manifestações, as vigilâncias e controles sociais das emoções também cresceram ou, ano menos, se modificaram, se aprofundaram e se ampliaram de forma inédita em nossos tempos.

Finalmente, há ainda outro fator: diferentemente de outros contextos, na era contemporânea, os próprios indivíduos procuram identificar suas (novas) emoções: Por que estou sentindo essa angústia? De onde vem essa minha ansiedade? Tudo isso contribui para tornar a emoção um objeto mais comum e muito mais reconhecível. A mero título de ilustração, pensemos nas atuais publicidades de automóveis: ora elas não dizem absolutamente nada sobre as qualidades da mecânica, do consumo de combustível ou da segurança que o carro pode proporcionar, ora falam muito pouco dessas e de outras coisas específicas de um automóvel. O que elas fazem é prometer experiências sensoriais e principalmente sentimentais aos futuros motoristas. Os ingredientes básicos dessas publicidades são as emoções.

7. Carlos Piovezani: Esta onipresença das emoções também nas publicidades parece ser mais um dos desdobramentos da degradação do espaço público e das tiranias da intimidade, de que fala Richard Sennet. Em sua conhecida obra, O declínio do homem público (Companhia das Letras, 1988), ela situa momentos-chave dessa tendência contemporânea no século XIX. Poderíamos afirmar que, além dela, novas emoções surgiram a partir desse período ou, antes, que as emoções passaram a ser experimentadas de forma inédita?

Jean-Jacques Courtine: É difícil dizer. Digamos apenas que as emoções mudam, assim como se alteram as formas pelas quais elas se manifestam. A vergonha é um bom exemplo: as formas tradicionais de se imputar e de se administrar a vergonha diminuíram consideravelmente. Em geral, não colocamos mais alunas e alunos em evidência negativa na escola, não temos mais os chapeuzinhos de “burro” assentados em suas cabeças, não há mais pelourinhos... Não temos dúvidas de que essa diminuição é uma considerável modificação histórica e social, mas isso não significa de modo algum que a imputação e a administração da vergonha tenham se extinguido, que as humilhações generalizadas tenham, enfim, desaparecido.

Em outras ocasiões, já fiz referência a essa história: a da norte-americana Justine Sacco em 2013. Ela tinha, então, 30 anos e era já diretora sênior de comunicações corporativas numa grande empresa, quando foi visitar parte da família que morava na África do Sul no natal. Era uma longa viagem. O voo saía de Nova York e fazia escala em Londres. Depois de uma sequência de postagens ferinas numa rede digital antes do embarque nos EUA, já no aeroporto de Londres, ela voltou à carga, desta vez de modo ainda mais brutal: “Muito frio – sanduíches de pepino – dentes horríveis. De volta a Londres!”, escreveu ela em mais uma postagem, antes daquela que lhe traria graves consequências: “Partindo para a África. Espero não pegar AIDS... Brincadeira. Sou branca!”. Sem houve repercussão até seu embarque, provavelmente porque ela tinha menos de duzentos seguidores naquela rede. Mas, o tempo do voo foi suficiente para que sua postagem ganhasse uma considerável difusão e para que isso lhe custasse o emprego. O custo ainda maior foi sua exposição e martírio nas redes sociais. Sacco foi objeto de uma espécie de caça às bruxas mais ou menos espontânea ou de uma caçada, na qual os membros de uma matilha passaram a ofendê-la e humilhá-la: “Vamos ver essa vadia da Justine Sacco ser demitida. Ao vivo. Antes mesmo que ela saiba que foi demitida”. Não se trata aqui de modo algum de justificar sua conduta absolutamente injustificável. As sanções legais a comportamentos preconceituosos, ofensivos e excludentes devem mesmo existir e ser eficientes. Antes, o que destaco aqui é o fato de fato de que as formas de vergonha e humilhação se modificaram, que elas se tornaram mais sutis, mas não desapareceram. Há, infelizmente, em vários países, versões praticamente idênticas de um

programa de tevê que era apresentado pelo atual presidente dos EUA, nas quais o clímax é a humilhante fórmula: “Você está demitido!”.

Essas formas atuais de imposição da vergonha contêm elementos para a elaboração de uma resposta à questão: qual é a humilhação máxima hoje em dia? Isso porque elas nos mostram que não se trata de algo presente, persistente e modificado, mas não de algo absolutamente inédito. Essas formas têm certas constantes: a invenção da necessidade de banir da sociedade o membro ou o grupo indesejado, seja por meio do ostracismo ou de uma hiperexposição, da necessidade de eleger, caçar e excluir permanentemente bodes expiatórios, de patinhos feios a monstros, em suma, pessoas que não são “normais...” e de fazê-los sentir as formas mais “apropriadas” de humilhação. Assim como temos de proceder na Análise do Discurso, também na genealogia das emoções, precisamos identificar, interpretar e entender tanto o que muda quanto o que persiste.

8. Carlos Piovezani: *Certo eco de princípios da ciência da era moderna, intensificados pelo positivismo, mas também a necessária precaução em nossas análises contra vieses subjetivos derivados de nossas experiências e das próprias limitações de nossa condição de sujeitos de uma época devem nos deixar alertas para que as reflexões e os exames dedicados às emoções contemporâneas não sejam um mero reflexo das nossas sensibilidades. Mas, em contrapartida, não é efetivamente possível se desvencilhar completamente de nossas sensações e sentimentos, quando refletimos sobre os processos históricos e as relações sociais onipresentes nas partilhas materiais da sensibilidade.*

Jean-Jacques Courtine: Sim. Ninguém consegue deixar completamente de lado sua própria sensibilidade. A história das emoções contemporâneas está diretamente ligada à história das emoções que experimentamos e testemunhamos. Já relatei esta história em outro lugar, mas vale a pena resgatá-la aqui. Eu estava em Paris na época do atentado ao *Charlie Hebdo*, em janeiro de 2015. Poderíamos dizer que “coincidentemente” eu já estava escrevendo sobre a história da ansiedade, quando a onda de terror que tomou conta da Europa a partir do final de 2013 e do início de 2014, isso para não voltarmos ainda mais no tempo e recuarmos até

as repercussões do 11 de setembro de 2001, passou a me interessar mais intensamente como fenômeno histórico e social.

Não há dúvidas de que testemunhar e experimentar as sensações e as sensibilidades desse contexto incidiu sobre minha análise do medo e da ansiedade contemporâneos. Além disso, devo acrescentar que não é tanto o momento em si que me interessa nessas situações sobre as quais me debruço, mas o que as antecede e o que se segue à sua emergência. Os momentos, quando você está no meio da multidão ou no metrô, quando você diz para si mesmo “E se...?”, são, sem dúvidas, situações de ansiedade, que também eu experimentei. Numa palavra, a ansiedade é isso. Em inglês, há a expressão *expectance fear*, ou seja, trata-se do medo do que pode acontecer.

Essas áreas cinzentas, difusas, de ansiedade que podem até ter um objeto, mas nós desconhecemos seu autor e sua forma, sua hora e seu lugar. Em todo caso, como dizia há pouco, estou menos interessado nas situações episódicas do medo do que na historicidade desses fenômenos, nos momentos que as precedem e que as sucedem, nas ondas de ansiedade tanto em sua crista quanto em sua perda de força e forma e em seu eventual desaparecimento. Meu interesse se concentra no momento em que a ansiedade atinge um limiar crítico que pode refluir ou se transformar em medos coletivos, que conduzem a catástrofes políticas.

9. Carlos Piovezani: *Você acredita que houve um momento mais ou menos preciso em que a ansiedade parece ter se tornado um estado emocional de massa? Qual ou quais situações do século XX você destacaria como casos emblemáticos de grande incremento do medo e/ou da ansiedade?*

Jean-Jacques Courtine: Acho que a ansiedade sempre esteve entre nós, assim como o medo. Freud diz que o medo é um enigma essencial: se conseguirmos resolvê-lo, entendê-lo, entenderemos grande parte da vida psíquica. Ele diz que o que caracteriza o medo é que ele está focado no objeto. Estamos com medo de alguma coisa, logo, existe uma ameaça que tem um ponto de origem e que pode ser identificado. Em contrapartida, a ansiedade ignora o objeto, nós não o conhecemos. Um fenômeno psíquico e emocional pelo qual estive

particularmente interessado em compreender são os modos de conversão do medo em ansiedade e desta última no primeiro. Por exemplo: como, em determinado momento, os fluxos de ansiedade ou as angústias coletivas difusas, flutuantes, nebulosas podem se converter em medo (de um inimigo, de uma invasão etc. etc.).

Quando pensamos nos medos, nas ansiedades e no ódio do século XX, a Alemanha da década de 1930 e da ascensão do nazismo é incontornável. Como sabemos, o pano de fundo do sucesso político e social do nazismo foi a humilhação na guerra anterior, a dívida alemã, as dificuldades econômicas, o desemprego em massa...Ao refletir sobre aquele contexto, Hannah Arendt afirmava que a maioria dos alemães não tinha mais do que uma espécie de “solidariedade negativa aterrorizante” uns em relação aos outros. Foi o que Hitler e a propaganda totalitária conseguiram captar, ou seja, todas aquelas ansiedades difusas ligadas à humilhação, à perda do sentimento nacional etc. O passo seguinte era propor inimigos e iniciar a vingança contra os judeus, os comunistas, os ciganos, os homossexuais e contra as nações inimigas, conforme você e Emilio Gentile indicaram com precisão em *A linguagem fascista* (Hedra, 2020).

Definitivamente não na mesma proporção, mas algo similar ocorreu no macarthismo, nos EUA, após a Segunda Guerra Mundial. Em um mundo dividido em dois, o comunismo foi alçado à condição de uma grande ameaça e, em seguida, se deu início a uma busca dentro do país por todos aqueles que poderiam ser agentes duplos, companheiros de viagem, traidores etc.

10. Carlos Piovezani: *Para encerrarmos por ora nossa conversa, gostaria de lhe pedir que falasse de modo geral sobre a ansiedade, considerando que se trata de um destacado mal de nossos tempos e que você já empregou, inclusive, a expressão “era da ansiedade” para se referir aos nossos dias.*

Jean-Jacques Courtine: Encerremos, então, com a ansiedade. A psicanálise explica que cada uma e cada um de nós têm sua própria ansiedade, seja ela mórbida ou neurótica. A ansiedade é um componente essencial da vida psíquica, que assume diferentes formas. Além

disso, há as ansiedades coletivas, que atravessam a sociedade, que todos sentem mais ou menos separadamente e que, ao mesmo tempo, os afetam da mesma maneira ou, ao menos, de um modo muito similar. Todas e todos nós estamos em contato uns com os outros. Esse fenômeno é bastante distinto do que se encontra na teoria das multidões de Le Bon, em que um líder impacta, hipnotiza e conduz as massas. Não, aqui as pessoas estão cada uma em seu próprio canto, mas há, evidentemente, a mídia e as redes e plataformas digitais.

Nesse cenário, você tem a sensação de que algo ruim vai acontecer, mas não sabe realmente o que é, nem como, nem qual é a sua razão. Há duas importantes referências literárias sobre essa dinâmica da ansiedade. A primeira é *Il deserto dei Tartari*, romance do escritor italiano, Dino Buzzati, publicado em 1940. Trata-se de uma história sobre uma fortaleza à beira do deserto: uma guarda é montada, seus integrantes esperam pelo inimigo, mas ele nunca chega. Eles esperam, mas nada acontece. Já a outra é o texto “Toca”, de Kafka, de 1923. Nele, se conta a história de um animal (ou de uma metamorfose, bem ao estilo de Kafka, não é?) em um buraco. Ele cava, se defende, faz barreiras e espera um inimigo que aparentemente pode chegar a qualquer hora ou em algum dia. Ele ouve barulhos, o que parece ser o inimigo se aproximando e, depois, se afasta, sem deixar vestígios. A ansiedade é isso: medo de algo que você não sabe o que é.

Isso não significa, evidentemente, que as coisas não mudaram desde a primeira metade do século passado. Com o aumento da consolidação da globalização em escala nunca vista, os medos mudaram de natureza, também porque mudaram de patamar, sejam eles relacionados a crises econômicas globais, ao terrorismo, à catástrofe climática... Estamos lidando com coisas que estão totalmente além de nós, que sentimos que não podemos mais conter, sem ter a fé ou a mesma fé que tinham nossos antepassados.

Além disso, outro aspecto interessante não só da ansiedade, mas também de sua relação com o medo, é o que indica Zygmunt Bauman, em *Medo líquido* (Zahar, 2008): o surgimento do medo, com a identificação de seu objeto, produz um alívio na ansiedade. Quando sabemos quem são e onde estão os “inimigos”, por exemplo, um grupo de terroristas foi localizado

em um apartamento em Saint-Denis, nesse momento, finalmente, sabemos qual é a ameaça e onde ela está. Isso nos tranquiliza. Há um belo romance de Don DeLillo, intitulado *White Noise* (Viking Press, 1985), que descreve a ansiedade. Seu enredo fala de uma nuvem, da qual se suspeita ser radioativa. Essa suspeita leva à evacuação dos moradores da cidade. Em 1926, na BBC, Ronald Knox fez um programa realista, simulando um ataque de proletários ao Parlamento britânico. Aquela ficção, compreensivelmente verossímil, em razão de antigos e, então, recentes discursos sobre os perigos representados por massas populares e por trabalhadores organizados, desperta uma onda de preocupação: as pessoas ligam para as delegacias, reforçam as fechaduras de suas casas, algumas se armam etc. As tensões sociais eram tais na Grã-Bretanha que desencadearam espontaneamente movimentos de pânico.

Em nossos dias, há um potente lençol freático de ansiedades sob nossos pés. Seu fluxo tem sido liberado e canalizado, se cristalizando em determinados medos, que, por sua vez, geram ódios, por líderes e porta-vozes de populismos da extrema-direita em todo o mundo. O que torna esse quadro ainda mais preocupante é que as *Big Techs*, as redes e as plataformas digitais aumentam exponencialmente essas e outras terríveis paixões.